

O caso da
Mansão Deboën

O caso da
Mansão Deboën

Edgar Cantero

Tradução de Giu Alonso



Copyright © 2017 by Edgar Cantero

TÍTULO ORIGINAL

Meddling Kids

REVISÃO

Rayana Faria

Ulisses Teixeira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C231c

Cantero, Edgar

O caso da Mansão Deboën / Edgar Cantero ; tradução Giu Alonso. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
352 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: Meddling kids

ISBN 978-85-510-0406-7

ISBN 978-85-510-0419-7 [ci]

1. Ficção americana. I. Alonso, Giu. II. Título.

18-53894

CDD: 863

CDU: 82-3(46)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Diário de Pennaquick

Tempo
Tarde nublada,
temperatura
cai para 16º C.
Tempestade
forte com
ventania se
aproxima.

F. 1954, Stratemeyer Press, Belden

29 DE AGOSTO DE 1977, SEGUNDA-FEIRA

15¢ Belden e subúrbio, 25¢ outros lugares

DETETIVES ADOLESCENTES DESMASCARAM MONSTRO DO LAGO ADORMECIDO

Investigação não oficial termina com revelação bombástica na Mansão Deboën

Heróis de Blyton Hills desvendam trama criminal e revelam lenda local



Assombração desmascarada:

A Mansão Deboën, construída em uma pequena ilha no Lago Adormecido, durante a Corrida do Ouro, é temida pelos moradores da região desde a década de 1940.



Capitão Al Ulrich (à esquerda) e subdelegado W. Wilson (à direita); entre eles, o Clube dos Detetives de Blyton: Peter Manner, Kerri Hollis, Andrea "Andy" Rodriguez, Nate Rogers e o cão Sean, na escolta do surpreendente prisioneiro: o monstro do Lago Adormecido. (Fotografia J. March)

Nancy Hardy Blyton Hills

Chegou ao fim, no último fim de semana, o terror causado pela "Criatura do Lago Adormecido" — a misteriosa figura que vinha assustando fazendeiros e campistas perto da nascente do Rio Zoinx. O misté-

rio foi desvendado por um grupo improvável de heróis: quatro crianças e um cão.

Peter Manner (13), Kerri Hollis (12), Andrea "Andy" Rodriguez (12) e Nate Rogers (11), com seu cão de caça, Sean, foram os responsáveis pela captura de

Thomas X. Wickley, da Califórnia, que encenou uma antiga lenda indígena que se revelou parte de uma intrincada trama para roubar a histórica Mansão Deboën.

UMA LENDA RESSURGE

Esta não é a primeira vez que o chamado Clube dos Detetives de Blyton resolve um caso que vinha deixando as autoridades locais desorientadas. O grupo passa as férias em Blyton Hills e ficou famoso na cidade por suas aventuras, que, em geral, resultam na prisão de malfeitores.

A recente aparição de um "monstro" perto do Lago Adormecido se tornou um assunto bastante comentado neste verão em Blyton Hills. "Rumores de criaturas do lago são antigas e comuns em qualquer corpo d'água", diz o subdelegado W. Wilson.

► **Thomas Wickley, ladrão procurado pela polícia, vai responder por tentativa de roubo: "Eu teria fugido com o dinheiro, se não fossem esses garotos intrometidos."**

LEIA A MATÉRIA
COMPLETA NA PÁGINA 2

Começa quando você puxa a cordinha do abajur e a luz não acende. É aí que você sabe que nunca vai conseguir acordar a tempo, que não vai chegar ao fim deste parágrafo viva. Você tenta desesperadamente raciocinar em meio ao pânico: está tudo bem, você não precisa do abajur, já está praticamente acordada mesmo. Deitada na cama, sabe de cor o formato do abajur no escuro, pode ouvir o aquecedor velho roncando noite adentro; você está em segurança. É só a lâmpada que não está funcionando. Mas você quer que funcione; precisa expulsar a escuridão e cercar o quarto de certezas para que as coisas lá fora saibam que você acordou e não ousem entrar, e então puxa a cordinha mais uma, duas vezes, e lembra que esse abajur já tinha deixado você na mão antes (tinha?), e, olha só, a lâmpada está se esforçando, embora mal consiga emitir uma luzinha fraca, muito insignificante para combater as sombras do quarto, mas quem precisa de mais que isso, indaga o abajur, você está aqui, este é o seu quarto, eu sou o seu abajur, esse é o seu aquecedor fazendo *rrrrrr* a noite toda, aquela é a mesma porta fechada de sempre, que esconde coisas vivas à espreita, sem pele e sem olhos, mas fique tranquila, nós prometemos que, no fundo, não existimos, pode se deitar. Ou já está deitada? Porque você pode achar que está apoiada nos cotovelos, mas seus braços não sentem o peso do corpo; na verdade, seus olhos não estão se movendo, e, quando você tenta dizer “ei”, sua garganta também não reage, então você agarra os lençóis (mesmo? Suas unhas estão mesmo arranhando o tecido?) e é um verdadeiro sufoco tentar emitir algum som, fazer as cordas vocais vibrarem,

respirar, sinta logo sua garganta, pelo amor de Deus, grite e acorde esse borrão largado na cama que é você, dormindo, sonhando, à mercê das criaturas pegajosas que se escondem atrás da porta, e você puxa puxa puxa puxa puxa a cordinha e o abajur insiste, não posso, é um problema elétrico, mas prometo que você está acordada, olhe para mim, sou seu bom e velho abajur, nunca menti para você, a cordinha já falhou antes, você sabe disso, deveria instalar um interruptor de verdade, que liga e desliga, e é então que percebe que o abajur na mesa de cabeceira nunca teve uma cordinha. Além disso, não há aquecedores no quarto para fazer *rrrrr*. São passos (*rrrrr*), e a porta já está aberta — tente gritar —, eles estão no seu quarto — tente gritar —, estão subindo na cama (*rrrrrr*), se esgueirando até você (*rrrrrr*), com os dedos escamosos e membranosos, gelados, tentando tocar suas costas — tente GRITAR!

Ela acordou com o próprio grito. Provavelmente acordou o quarto inteiro também. Ainda ouvia os ecos no quarto do tamanho de uma lata de sardinha enquanto o coração disparado diminuía o ritmo de cem metros rasos para o de maratona, e seus sentidos tentavam avaliar o ambiente, verificando a realidade (é claro que você está no seu quarto, sua idiota, olha como está frio, fedido e úmido por causa da chuva que não para de cair e só escuta as sirenes distantes). O grito não tinha sido dos piores, julgou Kerri, pelas reverberações. Não tanto um “aaaaaaaah, um rato”, esganiçado e estridente, nem um “puta que pariu” forte e consistente.

O olhar sério e silencioso de Tim parecia confirmar isso: nas noites ruins de verdade ela acordava com o cachorro em cima da cama, latindo para espantar seus pesadelos. Dessa vez, ele só estava sentado ao seu lado, os olhos vidrados nela, com cara de “descansar, soldado”.

Ela se sentou na cama do quarto sem aquecimento, iluminado pelo céu de estática, e tocou o vidro gelado da janela. Sensações reais, todas reais. Kerri se perguntou como os sonhos sempre conseguiam enganá-la; se parasse para analisá-los eram claramente sonhos, falsos estímulos tão superficiais e indistintos. Ela fez carinho na cabeça de Tim: o pelo curto, o focinho úmido, os bigodes. Era tudo complexo demais para não ser verdade.

— Como você consegue se manter são, Tim? — perguntou ela ao cachorro.

Tim choramingou com uma expressão de coitadinho nos olhos azul-claros.

Kerri deu um sorrisinho e deixou que ele subisse na cama com cabeceira de ferro. Ela se encostou na parede, deu uma olhada na pilha de livros na única prateleira, abriu um deles e pegou, entre as páginas, um recorte de jornal.

Os detetives adolescentes sorriam para ela, da margem ensolarada em preto e branco do Lago Adormecido, em 1977, treze anos antes.

— Você ainda os vê? — perguntou o psiquiatra.

Nate, esparramado na poltrona em frente, o encarou com olhos de ressaca.

— Seus amigos, quero dizer — explicou o dr. Willett. — Ainda tem contato com eles?

Nate trago o cigarro entre os dedos envolvidos com Band-Aids, tentando enrolar para que a sessão acabasse logo.

— Minha prima, Kerri, liga de vez em quando. Ela foi estudar biologia em Nova York e ficou por lá. Eu a vejo uma ou duas vezes por ano. A mãe dela ainda cria Weimaraners em Portland. Andy simplesmente sumiu. Com uns dezesseis anos, ela pegou a mochila, saiu de casa e embarcou em um trem para... sei lá, se encontrar ou algo assim. Ela sempre foi a mais complicada. Acho que liga para Kerri às vezes, manda uns cartões-postais. Peter era o menino de ouro. Continuou na Califórnia para terminar o ensino médio, queria entrar na Academia da Força Aérea, seguir os passos do capitão Al... e aí, aos dezesseis, foi descoberto por um agente. Fez vários filmes, virou celebridade. — Nate bufou, apagou o cigarro e continuou, a voz mais grave: — E aí teve uma overdose de remédios e morreu em um quarto de hotel em Los Angeles.

Em outra cidade, em outro estado, Kerri acariciou o papel-jornal do *Diário de Pennaquick*, os poros, as bordas irregulares da página. Sensações reais, como aquele quarto frio e o cobertor áspero e as orelhas de Tim fazendo cócegas nas suas pernas. *Tinha mesmo acontecido*. Estava escrito naquele recorte. “Detetives adolescentes desmascaram monstro

do Lago Adormecido.” “Desvendam trama criminal.” “Assombração desmascarada.” Nós fizemos aquilo.

— Sente falta deles? — perguntou o dr. Willett.

Nate olhou pela janela. Era março, mas ainda inverno. Aqueles últimos treze anos tinham sido exatamente aquilo: um longo inverno.

— Que nada... — respondeu. — A gente era criança. Amizades de infância não duram pra sempre. Quer dizer, quem fica tanto tempo assim apegado ao passado?

A cópia de Thomas X. Wickley daquela mesma matéria de treze anos antes do *Diário de Pennaquick*, manchada de sangue e urina, queimava no bolso do peito durante sua audiência da condicional.

— Você foi acusado de fraude, tentativa de roubo, sequestro e ameaça a um menor de idade. E se declarou culpado pelas quatro acusações. Confirma?

— Sim.

Treze anos.

— Veja bem, você sabe que sequestro era a mais grave dessas acusações, e é justamente desta que você teria mais facilidade para se declarar inocente. Está ciente de que só esse crime especificamente, sequestro de um menor, aumentou sua pena em dez anos?

Malditos treze anos.

— Estou.

Suas mãos na mesa nem mesmo tremeram à menção daquele número. Permaneceram paradas e retorcidas como árvores milenares, resmungando, rabugentas: *Você disse treze anos, garoto? Isso não é nada!*

Era verdade. Ele não tinha nenhum plano para aqueles treze anos mesmo. Não depois que as coisas foram por água abaixo em Blyton Hills.

— Sr. Wickley, será que se importaria de nos contar as circunstâncias em que ocorreram as acusações?

— De forma alguma — respondeu ele, naquele tom cansado, mas no fundo contente que todo velho tem quando lhe pedem que conte uma história, por mais vergonhosa que seja. — Meus... rivais, digamos, eram adolescentes na época. Crianças. Naquela noite na casa do lago, eles se

separaram para investigar. Eu tive a oportunidade de capturar uma das meninas, e foi o que fiz. Ela havia caído por um alçapão, e eu a encontrei no porão. Então a amarrei e a amordacei. Nem parei para pensar que era só uma menininha. Estava cego pela cobiça. Não sou mais um perigo para aquelas crianças. Eu não odeio crianças.

Ele parou antes que se empolgasse e acabasse dizendo que gostava de crianças. É preciso escolher muito bem as palavras durante uma audiência de condicional.

— O senhor tem consciência, é claro — comentou o delegado —, de que aquelas crianças não são mais crianças.

Risadinhas. Das crianças na foto, dentuças e com cabelo sedoso. Ele as ouviu no bolso do macacão cor de laranja. Wickley desdenhou da gafe.

— Tenho certeza de que não sou um perigo para elas, não importa a idade que tenham.

A pele ardia. O jornal queimava pelo tecido do bolso.

— Eles fizeram a coisa certa — disse Wickley. — Não eram um bando de intrometidos. Eram os heróis da história.

O delegado se reclinou na cadeira, e o membro mais quieto e maldoso da comissão decidiu intervir:

— Ainda assim, as circunstâncias são graves. Aqui está você, cumprindo pena de quinze anos depois de ter sido capturado por quatro adolescentes.

— E um cachorro — completou Wickley.

— Sim, e um cachorro. Deve ter sido um golpe e tanto para o seu ego. Isso já lhe causou problemas com outros prisioneiros. Não é exagero imaginar que exista algum ressentimento da sua parte.

Wickley olhou para as mãos de novo, admirado por encontrá-las ainda perfeitamente calmas. Secas, inalteradas, como galhos de árvores resistindo à brisa suave que carregava as risadinhas de quatro adolescentes. E um cachorro.

— O que queremos dizer é que houve, bem, agravantes, digamos assim, nas circunstâncias da sua prisão. Inclusive, a palavra usada no relatório da polícia é “emboscada” — leu o delegado. — Com uma engenhoca composta de... “um carrinho de bebidas em alta velocidade, dois lances de escada e uma rede de pesca”?

Wickley viu o delegado franzir a testa, por um momento tentando visualizar a cena, enquanto as risadinhas no seu bolso viravam gargalhadas ao fundo de um programa de TV.

— Mas, enfim... O que queremos dizer — retomou o homem — é que a preocupação sobre uma possível vingança da sua parte não é injustificada.

O prisioneiro levou a mão direita ao coração. Com força. Abafando as risadas que vinham da fotografia.

— Senhores. Eu forjei uma assombração em uma casa velha e me vesti de salamandra gigante para afugentar as pessoas. Fui capturado por quatro adolescentes e um Weimaraner. Tenho sessenta anos. Acham mesmo que sou uma ameaça para alguém?

Os membros da comissão riram. O delegado começou a arrumar a pilha de papéis.

Cinco dias e dezenove horas depois, ele conseguiu liberdade condicional.

Os portões de ferro se abriram na segunda-feira seguinte, e o sol brilhou na pele ressecada do rosto de Wickley, nas torres dos vigias, na poça imensa no meio da rua de paralelepípedos.

Ele colocou a caixa com suas coisas no chão, tirou o maço amassado de Raleigh e acendeu um cigarro com o penúltimo fósforo da cartela promocional de um restaurante. A primeira tragada teve um gosto rançoso, e ainda assim foi orgasmicamente deliciosa. O lendário cigarro pós-prisão.

A fumaça espiralou-se no raio de sol como uma flor do *Yellow Submarine*.

Ele desdobrou o recorte de jornal que tinha retirado do macacão laranja da prisão e guardado no bolso do casaco, junto com um ingresso de cinema do filme *Escalado para Morrer*. As crianças sorridentes na fotografia viram a luz do sol outra vez.

Os nomes no segundo parágrafo estavam sublinhados com um amarelo desbotado: Peter Manner, Kerri Hollis, Andrea “Andy” Rodriguez, Nate Rogers, Sean. O nome de Peter Manner estava riscado à caneta. Aquela intervenção era mais recente; Wickley tinha ouvido a notícia na biblioteca da cadeia dois anos antes. “Peter Manner, o moleque daquele filme com

a Lisa Bonet, morreu de overdose”, falou um prisioneiro, e o comentário foi recebido com vários clichês condescendentes sobre a vida dura que crianças famosas levam e tudo o mais. Se os outros três tiveram o mesmo azar, a notícia não chegou às fofocas da cadeia. Afinal, não é todo mundo que estreia um blockbuster de Natal. O cachorro devia estar fora da jogada também, mas, sem uma confirmação oficial, Wickley preferia esperar.

Ele revirou a caixa mais um pouco até achar o relógio do pai e o colocou no pulso. Tinha que se reportar ao seu agente da condicional em duas horas.

Wickley pegou a caixa e atravessou a rua em direção ao pub mais próximo.

O rótulo da sua cerveja favorita tinha mudado. O das garrafas de Coca-Cola também, o fundo vermelho estampado com a logo da nova década. Dois homens na mesa perto da janela conversavam sobre beisebol, e Wickley, sentado no bar, não reconheceu nenhum nome. Ia acender outro cigarro quando o barman se aproximou e disse:

— Não é permitido fumar aqui, senhor.

Ele ficou olhando por um tempo depois que o rapaz se afastou até que, por fim, guardou o cigarro de volta no maço e continuou a beber. Pelo menos o garoto tinha chamado Wickley de “senhor”.

O recorte do *Diário de Pennaquick* estava desdobrado em cima do balcão enquanto ele apreciava a cerveja. E não era modo de falar: estava de fato apreciando a bebida. De vez em quando, espiava a foto sem nenhuma razão especial. Talvez porque fosse uma das poucas coisas familiares ao seu dispor: o cachorro com a língua de fora, as crianças sorrindo. Até o morto sorria. Minha nossa, até o subdelegado sorria. A única pessoa na foto que não sorria era ele.

Wickley deu uma olhada no espelho do outro lado do balcão. O velho tinha uma cara de cansaço absurda para alguém que havia passado treze anos enfiado em um lugar frio e sem vida, mas não parecia treze anos mais velho que o homem do jornal. Tinha sido abençoado com um daqueles rostos que envelheciam rápido nas três primeiras décadas, mas depois permaneciam quase inalterados durante a vida. Ele continuava

sem sorrir, mas de certa maneira estava melhor que o prisioneiro na foto. Não estar fantasiado de salamandra ajudava.

Os nomes destacados olhavam para o ventilador de teto. Wickley encarou as próprias mãos e os dedos contorcidos repousando no balcão, tão inabaláveis quanto durante a entrevista. Suas mãos realmente não davam a mínima.

Ele permaneceu no banquinho, dando pequenos goles, ouvindo uma música nova, mas não tão ruim que tocava no rádio. Um dos homens perto da janela se indignou com a ideia de que um jogador de quem Wickley nunca tinha ouvido falar fosse melhor do que outro de quem ele se lembrava perfeitamente.

Devagar, Wickley pegou o recorte de jornal, amassou-o entre os dedos, acendeu o último fósforo da cartela e o queimou. O barman fez cara feia para aquele ato incendiário que não era mencionado no PROIBIDO FUMAR.

Wickley jogou as cinzas no chão e foi ao banheiro.

A vida fora da prisão era cheia de luxos que passavam despercebidos, como usar um mictório sem ter que ficar alerta. Ele sorriu à medida que a ficha caía e achou graça das poesias atemporais rabiscadas nos ladrilhos enquanto tentava mirar no cubinho esponjoso cor-de-rosa perto do ralo.

Treze anos de merda.

Ele estava livre.

Sem o aviso de uma descarga, a porta da cabine atrás dele se escancarou.

— Bom dia, sr. Wickley.

Ele soube, naquele momento, pela repentina paralisação de todas as funções da parte inferior do seu corpo, que seu subconsciente tinha reconhecido a voz. Mesmo depois de treze anos e da puberdade.

Wickley deu meia-volta, endireitou a postura e levantou a cabeça, engasgando diante do rosto que o confrontava — o vulto que preenchia e transbordava os contornos fantasmagóricos de uma lembrança sorridente.

— Andrea “Andy” Rodriguez! — exclamou ele.

A mulher soprou a franja preta caída no rosto.

— Andy. Meu nome é Andy.

— Eu não posso falar com você — reclamou ele. — Acabei de sair da prisão.

— Sério? Eu também — comentou ela, dando uma olhada no relógio digital de brinde da Coca-Cola. — Já devem ter percebido a essa altura.

Ele tentou contorná-la, mas ela o impediu. Wickley sentiu um calafrio, sua determinação desmoronando ao ver as próprias mãos começarem a tremer.

— Eu cumpri minha pena! — choramingou. — Paguei a minha dívida com a sociedade!

— Ah, mas pagou mesmo, com juros e correção monetária. Só me explica uma coisa. Treze anos em uma prisão de segurança máxima, sem direito a visitas, e por quê? Por vestir uma fantasia e perseguir uns moleques nos arredores de uma casa caindo aos pedaços? Tenho cara de otária?

— Eu sequestrei uma criança.

— Faz favor...

— Eu forjei uma assombração. Criei um elaborado esquema de fraude.

— Você é a fraude, Wickley. Não passa de um golpista atrapalhado. Quer que eu acredite que teve todo aquele trabalho só para assustar pessoas? Aqueles símbolos místicos? Animais mortos?

— Eram falsos.

— E os corpos enforcados? E as coisas no porão?

— Tudo falso.

— Nem o maldito do Steven Spielberg conseguiria fazer falsificações como aquelas, e você sabe disso! Não foi você!

— Foi, sim! E eu teria conseguido se não fosse por vocês, seus introm...

— Mentiroso!

Ela agarrou o pescoço do velho e o empurrou na parede, quebrando alguns ladrilhos.

Um dos caras que conversavam sobre beisebol entrou no banheiro naquele momento e ficou paralisado ao ver a cena.

À esquerda, Andrea "Andy" Rodriguez, vinte e cinco anos, usando coturnos pesados e camiseta branca, se vira para a câmera enquanto ergue um velho todo encolhido a cinco centímetros do chão.

— Cai fora — rosnou ela, e o intruso se retirou obedientemente.

Wickley estava engasgando, se contorcendo, chutando o ar. Andy se virou para ele, o rosto recortado pela franja obstinada, um sorriso furioso mas carregado de certa satisfação.

— Eu tinha doze anos em 1977 e derrotei você, agora tenho vinte e cinco, e você é um velho decrépito. Posso humilhar você de todas as formas possíveis. Então me diga, por que confessou?

— Eu sou culpado.

— Porra nenhuma. Por que assumiu a culpa?

— Eu sou culpado. Fiz a fantasia com um traje de mergulho. Ficou muito boa.

— Não ficou, não.

— Eu armei tudo. Fiz as luzes se apagarem e a casa tremer.

— Você não fez nada disso, porra! (*Ela bate a cabeça dele na parede.*)

— Fiz, e você morreu de medo. (*Risadinhas de dor.*) Até mijou nas calças.

— Foi Nate que mijou nas calças, não eu! E não era você! (*Aperta mais forte, esmagando o pescoço do velho.*) Por que assumiu a culpa?

— *Argh!* G-g-g...

— É melhor me dizer ou juro que enfio você no porta-malas, vou para Blyton Hills e jogo meu carro no Lago Adormecido!

— Ng... ng...

— Por quê?

— Ng'ngah... ng'ngah'hai!

— POR QUÊ?!

— Iã fhtagn Thtaggoa! Iã mwłgn nekrosunai! Ng'ngah'hai, zhro!

Andy bateu com o velho na parede de novo e o soltou, ouvindo estarecida os ecos das palavras odiosas que arripiaram o pelo dos seus braços e fizeram o sol se esconder, chocado por tal blasfêmia.

Aos poucos, a luz retornou, com um silêncio interrompido somente pelas gotas pingando dos canos. O velho escorregou até o chão, deixando um rastro de sangue atrás da cabeça.

— Eu queria ir para a cadeia — murmurou ele, sem fôlego, tentando se manter consciente.

Andy não se moveu, cheia de ódio, punhos cerrados, as têmporas latejando de adrenalina.

— Eu queria que me prendessem — disse Wickley, soluçando. — Precisava ficar longe daquele lugar. Não posso voltar para lá. Não quero voltar para aquela casa maldita! Nunca mais!

Então, ele afundou o rosto nas mãos e explodiu em lágrimas. Sentado no chão de um banheiro, chorando como uma criança.

Andy bufou, a fúria diminuindo, a respiração se acalmando, e deu a descarga no mictório para ele.

— Você não vai voltar. Tchau, sr. Wickley.

E saiu batendo os pés, sem se sentir nem um pouco mal pelo velho patético. Porque ele estava certo: nunca mais teria que voltar àquela casa.

Velho sortudo.